

Educar para a televisão: desafios da formação para a diversidade e a tolerância

Educating for television: challenge of cultivating to diversity and tolerance

*Helena De Moraes Fernandes**

Resumo

Com base em processos históricos e do surgimento da televisão, o presente texto esboça as principais características do veículo televisivo, fazendo reflexões sobre seu potencial educacional-formativo e a noção de educação. O artigo conclui que esta discussão deve ser ampliada de modo a contribuir com a educação *na* e *para* a televisão, o que só será possível com investimentos de ordem política, econômica e ideológica¹ em capacitação de profissionais da educação e da comunicação.

Palavras-chave: educação, televisão, comunicação, valorização da educação, ensino de televisão, capacitação de professores.

Introdução

É preciso que a relação da escola com os meios encaminhe-se para uma abordagem pedagógica que tenha por meta legitimar uma ideologia democrática de educação.

Tania M. E. Porto

Matemáticos, físicos e outros estudiosos das ciências exatas desenvolveram a televisão, veículo que hoje é de domínio das ciências humanas, onde está o maior número de estudos

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (UPF), professora de Comunicação (Senac), especialista em Comunicação e Saúde (UFRGS), bacharel em Comunicação Social - Radialismo e Televisão (UPF). E-mail: hemf@zipmail.com.br

e pesquisas sobre o meio. A televisão caracteriza-se por ser massiva, já que o público é sempre medido por milhões de telespectadores. Pela velocidade com que as imagens mudam para dar lugar a outras, tão ou mais atraentes que as anteriores, às vezes sem conexão textual, de sentido, esse tipo de tecnologia não propicia o raciocínio nem a elaboração imediata de respostas às mensagens que comunica. Por isso, a televisão não tem a mesma funcionalidade nem a mesma linguagem utilizada pelos professores em sala de aula.

Numa época em que clamamos por soluções, mais emprego,² proteção ao meio ambiente, mais saúde etc., há que se realizar a fusão entre educação e televisão a fim de aumentarmos as possibilidades reais de transformação. Entretanto, há que se esclarecer que essa aproximação implicará que seja repensado o ato de ensinar, inclusive porque hoje o termo “educação” significa algo muito amplo, com múltiplos significados e enfoques. Além disso, não há a ingenuidade de se pensar que convergências entre outras áreas seriam desnecessárias para tal finalidade e ressalta-se que a televisão é apenas um entre vários dos meios de comunicação de massa existentes, que tendem para a convergência. Portanto, não se pode analisá-la isoladamente.

O que se pretende enfatizar em análises teóricas é a televisão como força propulsora do potencial que tem a educação e que vem se desgastando pelas condições da nossa época. Por enquanto, esse meio de comunicação está fora dos currículos escolares e sua pro-

gramação pouco tem contribuído para a valorização dos professores. Outro aspecto a ser considerado é a viabilidade de capacitação dos sujeitos mediante a educação escolar para o exercício da cidadania ao assistirem à televisão. Ocorre que, atrás da fachada do entretenimento, os sujeitos são explorados como consumidores e eleitores pelo fato de a televisão, desde a sua estréia, servir aos sistemas político, capitalista e à lógica mercantilista.

A proposta do presente artigo é procurar elucidar idéias relativas à função que a televisão tem desempenhado na sociedade brasileira e às possibilidades de transformação na qualidade de vida que investimentos na educação para a mídia são capazes de proporcionar. Dessa forma, pretende-se ampliar debates que favoreçam a compreensão da interface entre educação e televisão, pois acredita-se que, assim, haverá condições para uma ação prática eficaz nesse sentido.

História e surgimento da televisão

As pinturas em cavernas indicam que há muito tempo as imagens eram instrumentos de expressão. Sua produção e aplicações foram aprimoradas até que, hoje, humanos e imagens fundem-se e confundem-se. A evolução tecnológica dos meios de comunicação fez surgir uma nova forma de simbiose e de desfrute de sensações via estímulo visual.

A fotografia reforçou a atração pelas imagens ao retratar momentos

estáticos da realidade que ganhavam atributos de imortalidade. O som e a palavra impressa, depois, esses associados ao movimento das imagens evoluíram e, em alguns casos, uniram-se para resultar nos meios de comunicação de massa ou MCM: jornais, revistas, rádio, televisão, internet, celulares de terceira geração, entre outros.³ O cinema, também chamado de “indústria das ilusões”, em sua primeira exibição, provocou assombro, pois os expectadores pensaram que o trem que estava na tela poderia atropelá-los. Tratava-se da aproximação maior à realidade trazida pelo movimento dado aos quadros parados.

A televisão, que surgiu em 1935, só depois de jornais, do cinema e do rádio (surgido em 1897) terem se tornado populares, tem características semelhantes às do cinema, mas a possibilidade de ser ligada a qualquer hora, a custos ínfimos, além do fato de estar dentro de nossas casas, o que a torna muito íntima em nossas vidas todos os dias. O princípio de funcionamento da televisão – a transformação de energia luminosa em energia elétrica pelo elemento químico selênio – foi reconhecido em 1873, 56 anos depois de o químico sueco Jakob Berzelius descobrir o elemento. Em 1906 o sistema de raios catódicos,⁴ em conjunto com a exploração mecânica de espelhos, foi aplicado à televisão.

Em 1904 o gaúcho e padre Landell De Moura desenvolvia um projeto para transmissão de imagens a distância, quando seu laboratório foi destruído por fanáticos religiosos. A primeira

demonstração à comunidade científica ocorreu em Londres no ano de 1926. Nove anos depois, em março, foi realizada a primeira transmissão oficial na Alemanha e, a seguir, na França, tendo como posto emissor a Torre Eiffel. Em 1939, transmissões regulares iniciaram nos Estados Unidos, em Nova Iorque, mesmo ano da primeira transmissão em circuito fechado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Pode-se dizer que a TV chegou mesmo ao Brasil em 18 de setembro de 1950, com a TV Tupi.

Características do veículo televisivo

Para muitas pessoas pode parecer sem sentido que se busque conceituar a televisão, que seja investigada sua natureza, funcionamento e os diversos contextos a ela relacionados, afinal, ela já faz parte de nós e “a conhecemos tão bem”... É o robzinho-parado da família. Uma faceta do poder desse meio de comunicação é a contraditória “invasão sutil” que ocorre ao nos expormos a ela. É justamente por ser poderosa que a televisão deve ser vista com outros olhos, além daqueles de quem se deixa seduzir pela programação trepidante aceitando-a como algo íntimo, inofensivo e sem segredos. A verdade é que a televisão é um objeto de difícil entendimento, complexo, difícil de analisar, e nos enganamos quando a vemos como algo simples, banal e com a qual podemos deixar nossos filhos à vontade para se di-

vertirem sem nos preocuparmos com nada, “pois eles agora se acalmaram e estão quietinhos vendo televisão”.

A linguagem televisiva é conversada, coloquial, própria de quem está trocando confidências com alguém íntimo. Além disso, é seletiva: concentra informações num tempo muito curto, pois o ritmo do veículo impede que os assuntos diários sejam tratados profundamente.

A televisão joga com transparência e, nesse jogo, responde a uma demanda por rapidez, eficácia, intervenção personalizada, atenção às manifestações da subjetividade e particularismo que seu público não encontra em outra parte. Os sujeitos televisivos adoram a proximidade (mesmo sendo uma proximidade imaginária) e a televisão lhes repete que ela, a única, está sempre por perto (SARLO, 1991, p. 79).

A televisão capta a atenção de milhares de pessoas ao mesmo tempo para uma só mensagem: a que estiver passando na tela naquele momento. Milhares de pessoas param diante dela para verem coisas que as afetam de formas tão diversas quanto somos diferentes uns dos outros como seres humanos. Cada um reagirá à sua maneira ao que assiste na tela, razão por que os estudos de recepção são tão complexos.

Enquanto os professores mostram que o esforço deve ser grande, a televisão mostra que o conforto e as facilidades “são acessíveis a qualquer um”. Diante da televisão, deparamo-nos com expressões como: “tudo por você”, “você é o principal para nós”, “a sua felicidade está aqui”, “você pode ir além do que sempre imaginou” etc. O quê, afinal, a realidade tem a ofe-

recer? Pode-se interferir ou mudar a realidade? Como? Esses questionamentos têm sido feitos há muito tempo e continuarão suscitando buscas e indagações visto que a realidade é mutável e os seres humanos, também. A televisão é real, porém se constitui num instrumento de simulação da realidade, capaz de apresentar realidades inventadas. Sodré (1984, p. 66) constata: “O sistema da televisão consegue sincretizar coisas tão diversas como o real e o imaginário, homogeneizando-os – dando um tratamento dramatizado aos fatos reais e, tratando realisticamente (com o aparato técnico-formal do jornalismo) o campo do imaginário.”

A televisão é usada pela religião, pela economia, pela política, pela medicina e pelas artes para terem suas concepções e ideologias validadas perante a sociedade. Portanto, analisar o “educar para a televisão” implica, incontestavelmente, ingressar na busca de conhecimentos e de compreensões pertencentes a diversas ciências, sejam humanas, sociais aplicadas, da saúde ou lingüística e letras e artes.⁵ A escola nos mantém sentados em cadeiras, atrás das classes; a televisão nos mantém no sofá ou na cama, sempre parados, com o mínimo de movimentação. Ambas “aquietam” nossos corpos e sensações. Estar na “era da tela” significa estar na era dos sentados. A nossa saúde também é afetada: obesidade e hiperatividade são problemas de saúde que comprovadamente podem ser atribuídos à exposição de crianças à televisão.

Outro aspecto relevante a se considerar é que as concessões de sinal para radiodifusão de imagens e sons no Brasil sempre estiveram condicionadas a decisões de políticos, de modo que os meios eletrônicos de comunicação de massa em nosso país são dependentes do Estado. Pode-se comprar a televisão, possuí-la. De fato, não se é dono da programação que ela veicula, mas se é consumidor desses produtos culturais audiovisuais, o que implica direitos que a maioria desconhece. Os meios de comunicação de massa representam interesses de grupos privados, mas a informação é um bem público.

Entende-se também que a realidade é lenta em relação ao ritmo televisivo. Ao se comparar a percepção do fluir do tempo em sala de aula e diante da programação da televisão, percebe-se que há muita diferença. Muitas vezes se perde a paciência porque não é fácil mudar situações da vida como se muda de canal com o controle-remoto. A questão da multiplicação do espaço e da aceleração do tempo que a televisão é capaz de proporcionar a quem a assiste repercute na credibilidade que tem um apresentador de televisão ou um professor?

Independentemente da existência da televisão, a credibilidade do professor vem do conhecimento que ele possui sobre suas disciplinas e sobre os seres humanos; vem do prazer que ele sente em ensinar (e em aprender, se atualizar, se revisar); na criatividade em oferecer aos alunos atividades em aula que despertem neles o entusiasmo; do respeito que tem por si mesmo, pelos colegas de profissão e

pelos alunos e do sucesso que tenha ao administrar com maturidade conflitos entre pessoas, propondo soluções ou caminhos melhores. A credibilidade de um professor é sentida quando os seus olhos estão em contato com os olhos de cada aluno; na crença de que seu trabalho tem chances de resultar em evolução pessoal para os alunos. Já a credibilidade de um apresentador de programas televisivos reside mais na linguagem, no alcance e no poder do veículo do que no apresentador em si, especialmente ao se falar dos apresentadores antiéticos, incultos etc.

Educar para a televisão

Há muitas formas de se conceituar “educação”, variáveis conforme a época, os fenômenos sociais em evidência e a identidade histórico-cultural dos povos envolvidos. Ligado às mais remotas concepções sobre educação, está o conceito de *arete*: “um atributo da excelência humana, a beleza de caráter que orienta a *práxis* (a ação cotidiana) humana para o bem”. Os sofistas ampliaram o simples conceito de educação que se referia à “criação dos meninos”,⁶ considerando-a como “o conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais que conduzem à formação humana mais ampla e consciente (*humanitas*, em Cícero; *Bildung* em alemão, algo como cultura superior)” (apud AMARAL, 2004). Já para Platão (apud JAEGER, 1995, p. 147), “[...] a essência de toda a verdadeira educação ou Paideia é a que

dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento”.

Conforme Amaral (2004), “da educação nas sociedades primitivas, que visava apenas manter a imutabilidade sagrada das técnicas culturais, embora não se desconhecesse que nenhuma sociedade humana sobrevive sem que sua cultura seja transmitida de geração para geração – esta entrega (do Latim *tradere*) de cultura é a tradição – passou-se para a nova educação, nas sociedades ditas (mais) civilizadas que incorporam, além daquela transmissão cultural, o dado novo do aperfeiçoamento e correção da tradição”. A educação pode ser algo vivenciado individualmente ou coletivamente, tendo o ambiente como desencadeador do processo de aprendizado. Diversos autores afirmam que a duração do processo de educação depende sobretudo da duração da infância, que, por sua vez, está condicionada por elementos biopsicológicos, esperança de vida e nível de desenvolvimento da sociedade econômica.

De acordo com Libâneo (1998, p. 22), “educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais”. Para o mesmo autor, um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos é a ampliação do conceito de educação, que a caracteriza como prática social; portanto, enrai-

zada no contexto geral da sociedade, e inclui como agentes educativos, múltiplas instituições e práticas. A Lei de Diretrizes e Bases determina o espaço escolar como específico para o processo educativo e conceitua a educação, no seu artigo 1º, como “um processo social global, numa visão ampla e dinâmica, que inclui conceitos de prática social e do mundo do trabalho e que deverá levar em conta novos componentes referenciais: Prática social, Mundo do trabalho, Movimentos sociais e Manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Na obra *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*, Libâneo (2003, p. 251) afirma:

A educação brasileira, tal como estabelece a Constituição Federal de 1988, nos artigos 205 e 206, visa ao pleno desenvolvimento das pessoas, a seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho. Para atendimento desses objetivos, o ensino deve ser ministrado com base em princípios, como, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber: o pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; a valorização dos profissionais de ensino e a garantia de padrão de qualidade.

Acrescenta-se aqui o entendimento de que educação é o processo que permite ao ser humano atizar, a partir de sua própria subjetividade, o reconhecimento de que tem o dom da consciência, o qual deve ser utilizado para gerar o impulso em direção ao conhecimento da verdade e da magnitude da existência. A educação traz fragmentos da existência e da verdade até a consciência; assim como o prazer

ou a dor, a educação é o que nos desperta para o sentido de viver. Recebe-se educação na escola, mas, sobretudo, em casa, no convívio com a família e no viver o dia-a-dia. A educação tornou possível que se descobrisse como pensam estudiosos, autores, professores e pessoas marcantes a respeito de vários assuntos; proporciona-nos alguma condição de defesa diante do mundo. Mas o que foi recebido era o que se esperava dela? Esperava-se que amortecesse nossas emoções e movimentos corporais?⁷ A educação escolar trouxe e traz à tona nossas melhores potencialidades?

De fato, a educação perdeu grande parte da admiração que antes lhe era dedicada. Seria inadequado utilizar aqui a expressão “a educação perdeu o poder”, pois, por sua natureza, a educação é, foi e sempre será poderosa. Isso é inabalável. A questão que aqui se apresenta é a da sua receptividade por parte da sociedade, que se transforma vertiginosamente em razão das influências culturais, tecnológicas e, conseqüentemente, comportamentais. A educação precisa se tornar mais atracente para os alunos, mais gratificante para os professores e mais importante para as autoridades. Cada uma dessas três condições influencia e define o sucesso das outras, retroalimentando-se como num sistema autopoietico. É primordial destacar que jamais a televisão ou os meios de comunicação estarão no centro do processo, mas são instrumentos, componentes de um sistema pedagógico maior que pretende a construção da cidadania.

Diante desse panorama, são pertinentes as perguntas: O que nos impulsiona a aprender? O que nos impulsiona a ensinar? O tcheco Jan Amos Komensky – Comenius em latim –, em sua obra *Didática magna* abordou sabiamente a questão do interesse na aprendizagem ao se referir a Bacon: “Partindo do princípio de que a ‘própria escola deve ser atrativa’, mostrou como os mestres de sua época ensinavam ‘sem excitar, nos discípulos o desejo de aprender’, o que evidentemente contribuía para os maus resultados no ensino, pois ‘onde falta entusiasmo, tudo esfria’ (1638, p. 11).

As formas de abordagem dos assuntos, mais que os meios em que as mensagens veiculam (escola ou televisão) são definitivos quanto à atenção suscitada? Pode-se pensar tal questão de um ângulo que diz respeito a novos elementos que caracterizam nossa época e que requisitam o repensar da teoria e da prática da educação. A instabilidade tende a crescer visto que as tendências sociais são caracterizadas por conceitos do pós-modernismo e o comportamento é influenciado por esses, a saber, “diversidade, pluralismo, multidisciplinaridade, colagem, sobreposição, supérfluo, desconexo, conexão momentânea, instantâneo, simultâneo, perecível, descontínuo, interativo, cisão, pluralismo, ambigüidade, ilusório, fluidez, inconcluso, público, fracionado, opinião, reconstruído, construído, setorizado e incerteza” (HARVEY, 2001, p. 45).

A educação tem como características o fluir lento do tempo, a conexão

e a lógica de idéias, a busca da complementaridade de conteúdos e a sistematicidade de conceitos, os prazos, as avaliações, o acúmulo, a base como pressuposto, enfim, valores e significados que, diante do novo, são percebidos como em descompasso com os elementos pós-modernos. O conhecimento precisa de tempo tanto para ser assimilado como para vir a existir como força transformadora da sociedade.

Ao ser mencionada a educação na televisão, podemos estar nos referindo ao aproveitamento do espaço para que sejam veiculadas informações de esclarecimento e de orientação, mas a expressão “educação na televisão” pode ser tranqüilamente expandida se a considerarmos também como significando pessoas bem educadas apresentando, produzindo e dirigindo programas televisivos. Por sua vez, a expressão “educar para a televisão” significa educar para que haja mais pessoas bem educadas sobre televisão a assistirem a ela.

A busca e a aquisição do conhecimento subentendem raciocínio, reflexão, tempo para absorver o conteúdo e para questioná-lo, compartilhar informações, compará-las, vivenciá-las como verdadeiras na prática. Nesse caso, é preciso que se trabalhe com paciência. Imóveis, em frente à televisão, recebemos enorme quantidade de informações, mas não temos tempo nem condições – dada à sua forma de funcionamento e à sua linguagem – de sermos ativos. Diante dela, somos muito receptivos em dois sentidos, visão e audição, que são hiperestimulados, propiciando condições

para que a impaciência surja diante de atividades menos aceleradas.

O problema central parece ser a falta de reflexão que se segue após assistirmos à televisão, antes de agirmos depois do que vemos nela. Partimos para a ação sem reflexão a respeito do que foi visto, como se, ao desligarmos o botão ou ao nos distanciarmos fisicamente dela, não mais sofrêssemos sua influência. Sem educação na televisão os telespectadores ficam como que submersos em conteúdos audiovisuais de apelo hiperconsumista. “Decifra-me ou te devoro”, decifra-me por meio das condições que a educação te dará ou eu te devorarei. Terá a educação medo de se perder no mundo da fantasia? Terá a televisão medo de ser decifrada? Será que ainda podemos esperar muita coisa diferente a ser dita sobre televisão e educação, ou a hora é de nos concentrarmos e nos empenharmos mais na ação concreta e transformadora, paralelamente a novos estudos?

Os profissionais da comunicação, em especial os da televisão, estão carentes de educação, assim como os profissionais da educação estão carentes de comunicação. Assim, ambos precisavam estabelecer interações, parcerias e desenvolver projetos em comum.

Uma famosa apresentadora de programa infantil num canal de grande audiência (2002) explica, com o rosto em primeiro plano,⁸ às crianças que assistem ao seu programa como poderão usar um novo *video game*: “É muito legal esse jogo, você vai aprender rapidinho a acabar com os seus inimigos e aparece um montão de sangue, braços

sendo arrancados, é maneiro! Tem muito sangue, muito sangue, mesmo! Mas vocês têm que ficar espertos. Não vão vacilar hein? Vai ter que ficar esperto pra acabar com os outros antes que eles acabem com vocês. Não pode marcar bobeira pra acabar duma vez com os inimigos. É isso aí.”

Hoineff (2004) menciona:

Crianças e jovens podem aprender ao se divertir e os meios de comunicação podem educar entreendendo seu público, isso é o que se chama *edutainment*. A idéia de associar entretenimento a aprendizado – *edutainment* – surgiu em função das preocupações dos educadores com a má utilização pelas emissoras de TV dos seus horários de programação infantil. Salvo exceções, estes horários estiveram durante décadas, destinados ao entretenimento inconseqüente e irresponsável e ao incremento do comércio de subprodutos não educativos voltados para o público infantil (apud ALEGRIA, 2004).

Ser educado não é ter conhecimento acumulado, mas associar o conhecimento a uma postura ética e a um comportamento solidário, responsável, construtivo. Para David Berlo (1991, p. 25-26), o receptor da mensagem é a parte mais importante de todo o processo de comunicação. “Ao produzir, receber ou criticar qualquer comunicação, deve-se formular a determinação do objetivo do comunicador nos seguintes termos: Como o comunicador pretendia atingir quem? Objetivo e audiência são inseparáveis.” Cabe destacar que, ao se falar em televisão, tem-se a impressão de que, quanto maior a concorrência entre emissoras, maior é a probabilidade de submissão

a absurdos para a conquista da audiência e de patrocínios. Ismar Soares (1996, p. 17) comenta que

3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é destinado à produção publicitária, que se equipara à do primeiro mundo. Os diretores e atores puderam realizar experiências de linguagem no campo da informação, gerando aperfeiçoamentos, tudo graças às fabulosas somas oriundas da venda de espaço publicitário [...]. No mundo em que vivemos, a verba destinada para a educação é duas vezes menor que a investida em publicidade, que através de imagens verdadeiramente sócio políticas projeta mentiras e, assim, se consagra como o domínio da comunicação.

Pouco importa se a audiência é composta por crianças.

Recentes pesquisas indicam que obesidade, capacidade reduzida de concentração, dificuldade de organização e comportamento impulsivo – inclusive violento – são possíveis efeitos da exposição de crianças de um a três anos à televisão (CRIANÇAS..., 2004). Tais problemas, segundo a pesquisa, manifestam-se geralmente a partir dos sete anos, e um conjunto deles caracteriza o transtorno do *deficit* de atenção com hiperatividade, que diminui o rendimento escolar e, obviamente, a qualidade de vida das crianças afetadas, de seus colegas, professores e pais. Contudo, assim como os seres humanos não são somente bons ou maus e têm um potencial fantástico de realizações possíveis, a televisão, feita por e para nós, também não é só má. Apesar dos problemas que ela suscita,

a pluralidade que abriga e veicula leva às pessoas uma incrível diversidade cultural, além de seu poder informativo e de esclarecimento ser reconhecido, razão por que deve ser mais valorizado, mais bem aproveitado, o que é essencialmente, responsabilidade natural da educação.

Sim, devemos aprender e ensinar televisão. Conforme Arlindo Machado apud Fischer, 2001, p. 17): “O que não passa na TV torna-se estranho à sensibilidade e ao conhecimento do homem contemporâneo.” É possível que se aproveite tal condição utilizando os assuntos apresentados em programas de televisão para desencadear estudos e debates em sala de aula. Partidas de futebol podem motivar o estudo do corpo humano. Seriados podem servir de estímulo para o estudo da geografia. São muitas as possibilidades nesse sentido.

Além disso, precisamos reservar um tempo de reflexão até que cheguemos a identificar nossas dúvidas e sentimentos sobre ela, especialmente porque a produção de imagens e de discursos é inerente ao movimento dos símbolos e significados na mente humana. É, enfim, uma construção complexa que se dá no interior de cada ser humano. Concordamos com Maria Ferreira (1997):

O tornar-se humano é marcado pela imersão permanente do homem em um mundo simbólico e em um processo social contínuo e compulsivo de dar e criar sentidos. Nas interações com os outros e com o mundo, em um determinado momento e contexto sócio-histórico, o homem/a mulher constrói

seus significados, suas relações e a si próprio (a) enquanto sujeito. Suas relações e seu acesso ao mundo são, pois, interceptados pelo outro da linguagem, imersos que estão em sua malha de significações.

Não há esforços significativos por parte dos integrantes das esferas do poder, em especial o político, em unir educação e televisão, pois acarretaria em inevitável e rápida transformação. De acordo com Rosa Fischer (2001, p. 14), “estudiosos da cultura afirmam que a unidade da nação se dá mais pela comunicação (meios) do que por qualquer outra via”. Oferecer educação de qualidade, em quantidade adequada e rapidamente, a uma nação unida interessa a quem? Dá lucro para quem? Quem quer que a televisão sirva aos interesses mais prioritários da população em detrimento do lucro extraordinário que vem obtendo ao estimular o consumismo desenfreado? Quem quer que a educação seja muito mais valorizada e amplie o poder que tem, ou seja, amplie o poder dos cidadãos?

São perguntas que precisam vir a ser respondidas, de preferência em sala de aula, por alunos estimulados (por professores capacitados) a raciocinar sobre o assunto. Para Ismar Soares (1996), “hoje, a política é o aspecto fundamental a ser levado em conta na educação da sociedade. Na década de 60 era a psicologia e a moral que impulsionavam os educadores, na década de 80 os motivos culturais sobressaíam nos programas educativos. Atualmente estes três enfoques aliaram-se na busca da educação para a cidadania”.

A política é o aspecto fundamental, mas não é o que interessa à sociedade como um todo. Toda a energia e vibração dedicadas ao futebol, ao consumismo, à banalização e à vulgarização da sensualidade, na verdade, deveriam estar em parte direcionadas à política. Entretanto, tendo a filosofia sido excluída dos currículos escolares e sendo o futebol, o consumismo e o vulgar prioritários para a mídia, vive-se numa sociedade composta em sua maioria por individualistas e que não pensa a si mesma.

Conclusão

Há uma necessidade de interação entre educação e televisão que vai além da articulação desses dois campos do saber: A perspectiva de estudo e de trabalho deve ser multidisciplinar. A análise deve englobar aspectos filosóficos – explorar as noções e os conceitos sobre educação, psicológicos, sociológicos, históricos, econômicos e políticos. Há que se preparar profissionais para que empreendam esforços em educar para o âmbito dos meios de comunicação de massa. A educação precisa incorporar alguns elementos que a tornem mais atraente, sob pena de, caso não o faça, enfraquecer-se ainda mais. A contradição maior é que a educação precisa realmente ser percebida como algo que faça sentido no mundo complexo – confuso de sentidos – em que vivemos. Para isso, a sua parceira perfeita é a televisão: “A mídia especializa-se em formar opinião e modificar

atitudes não apenas no campo econômico e político, mas, especialmente, no campo moral” (LIBÂNEO, 1998).

Educação e televisão têm muito mais a superar do que as desconfianças que uma tem da outra. Caso não as tornemos meritórias para superarem as barreiras que as impedem de crescer, a educação – “a recatada” – seguirá se enfraquecendo, sem o poder que merece e do qual tanto necessitamos, e a comunicação – “a persuasiva” – ainda não está preparada para colaborar com a educação. Mas se as emissoras são empresas (exceto as educativas e comunitárias) e, por isso, visando lucro, como esperar uma mudança nesse sentido? O que é possível fazer? É preciso atribuir responsabilidades às direções de emissoras e aos patrocinadores.

Num primeiro momento, o caminho parece ser o do intercâmbio, da troca de experiências, do convívio entre profissionais e estudantes desses dois campos do saber. Essa interação deve ser uma constante nas duas áreas: nas escolas, nas universidades, em grupos de estudo e de pesquisa, em debates de programas de televisão em programas dos mais variados gêneros. É importante que os espaços de estudo desenvolvam grupos multidisciplinares, com, no mínimo, um profissional e pesquisador de comunicação.

Com o estudo e a valorização da educação seremos capazes de fazer um contraponto ao excesso de importância dada à técnica e à tecnologia em detrimento do desenvolvimento de conteúdos mais humanistas, mais

éticos e menos prejudiciais. Por essa, entre muitas outras razões, é que o incentivo à educação e à formação de professores com vistas a esse enfoque é tão importante. É somente com cidadãos bem educados, conscientes de seus direitos como consumidores de produtos audiovisuais, que se promoverá o bem-estar social. É a educação que desperta o melhor das pessoas: a valorização dos esforços empreendidos, sua autonomia, sua capacidade de respeitar e de fazer-se respeitar, sua dignidade, sua possibilidade de amar de verdade, além do que é sensual; para o que é humano, o agir para além do que é imediato, ou seja, o que continuará existindo a médio e longo prazo, o duradouro.

Educar para a televisão é importante para que ela deixe de participar em grau tão elevado – como vem fazendo – da deformação, da destruição, e passe a colaborar com muito mais intensidade para a formação e construção do ser humano. Para uma televisão melhor, precisamos de pessoas melhores. É o único caminho possível. É preciso não confundir o “agradável aos sentidos” com o “bom para a pessoa”. O ideal é que, dialogando consigo mesmo, o sujeito esteja apto a ir construindo sentidos para a educação que recebe por diversas vias: familiar, escolar, social e midiática. Para não nos enganarmos mais com a televisão, precisamos conhecê-la ao máximo, o que só será possível através da educação.

Ressalta-se a necessidade de criar as condições necessárias à capacitação de professores que trabalhem a televi-

são como objeto de estudo em sala de aula logo no primeiro grau, que mencionem a televisão freqüentemente. Para tanto, devem aprender sobre ela quanto aos profissionais da televisão, precisam buscar aprimoramento em seu nível de educação e colaborar, sem medir esforços, para a valorização dos professores e do ato pedagógico. Políticos, diretores de escolas, professores, pais, alunos, profissionais dos meios de comunicação de massa (em especial os da televisão) e patrocinadores de programas precisam ser alvo de um detalhado planejamento estratégico que determine qual é exatamente o papel que cada um deles deve desempenhar com vistas à educação *na* e *para* a televisão.

De acordo com cada realidade escolar, os conteúdos aqui apresentados devem ser analisados e reordenados com base nos elementos peculiares de cada situação particular, visto que esse tipo de proposta se insere em diferentes necessidades e contextos, dependendo do local, da época, das estruturas institucionais e das pessoas envolvidas.

Abstract

According to historical processes and the rises of television, this article outlines the TV media's main characteristics, by reflecting about its formative and educational potential, and promotion of education. The article concludes that the discussion must be expended in the way of contribution as education *on* and *for* television. It will be possible since getting Political, Economical, and Ideological investments on the educational and commu-

nication professional empowerment.

Key-words: education, television, communication, educational improvement, teaching television, teachers empowerment.

Referências

ALEGRIA, João. *Educar para a mídia, pela mídia de qualidade*. [artigo científico]. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/noticias/opinião>>. Acesso em: 13 jun. 2004.

AMARAL, Luiz Otávio de O. *PAIDEIA - A educação para a virtude, um projeto urgente para o Brasil*. [artigo científico]. Disponível em: <<http://www.ambito-juridico.com.br/aj/ens0006.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2004.

BERLO, David K. *O processo da comunicação*. Introdução à teoria e à prática. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BRASIL. Lei nº 9 394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/19394_96.htm>. Acesso em: 27 ago. 2004.

COMÊNIO, João Amos. *Didática magna*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1954. (Coleção Mosaico).

CRIANÇAS menos atentas com TV. *Zero Hora*, Caderno Vida, 25 abr. 2004.

FERREIRA, Maria C. R. O tornar-se humano. *Revista SBPC*, 1997. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br>>. Acesso em: abr. 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & educação – fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Edição Autêntica, 2001. (Série Temas e educação).

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; SABRA TOSCHI, Mirza. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em formação).

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção Questões da nossa época, 67).

SARLO, Beatriz. *O sonho acordado – cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Cidade Nova, 1996.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*. Função e linguagem da televisão no Brasil. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

PASTORE, José. Desemprego: desencontro de números e explicações. *O Estado de S. Paulo*, 1º jun. 2004.

PORTO, Tânia Maria Esperon. Disponível em: <<http://www.tcbe.br/fae/taniaporto>> Acesso em: 12 jun. 2003.

Notas

¹ Ideologia é aqui entendida como “o conjunto de idéias e valores relativos à ordem social, tendo como objetivo orientar os componentes coletivos”. Disponível em: <<http://www.segurancahumana.org.br/dicionário>>. Acesso em: 16 fev. 2005.

² “O estoque de desempregados no Brasil é de aproximadamente 10 milhões de pessoas. A educação da força de trabalho terá de saltar da média atual de 4,5 anos de escola para, no mínimo, 8 anos – o que exige mais de dez anos de trabalho sério na melhoria das condições das escolas, dos professores e das famílias” (PASTORE, 2004).

³ O telégrafo e o telefone, tidos por alguns autores como “precursores dos meios de comunicação de massa”, surgiram após a Revolução Industrial, nos fins do século XVIII.

- ⁴ Da tensão entre cátodo (eletrodo negativo) e ânodo (eletrodo positivo) surge um feixe luminoso que cruza a ampola, gerando em parte luminosidade e em parte calor: são os raios catódicos. (O eletrodo é um dispositivo para transporte de corrente elétrica).
- ⁵ Conforme nomenclatura designada pelo CNPq (Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).
- ⁶ Em *Sete contra Tebas*, de Ésquilo.
- ⁷ Nesse contexto, entende-se que, se a escola valorizasse mais as práticas teatrais, possibilitaria aos alunos descobertas e elaborações mais profundas e significativas quanto às suas emoções e, a título de complementação, desenvolveria amplamente o senso grupal, de criatividade, de iniciativa e de cooperação. O teatro é entendido como uma forma de arte baseada na realidade do sentimento corporal e de sua interação com o meio.
- ⁸ Denominação técnica de enquadramento de câmera, bastante próximo, em que se mostram apenas a cabeça e os ombros da pessoa.